

NICHOLAS SPARKS

*QUEM AMA,
ACREDITA*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

LUÍS SANTOS

ASA

UM

Jeremy Marsh sentia-se invulgarmente visível, ali sentado na plateia. Era um da mera meia dúzia de homens que faziam parte do público naquela tarde de meados de dezembro. Envergava preto, é claro, e ostentava todo o ar de nova-iorquino que na realidade era, com o seu cabelo ondulado escuro, olhos azul-claros e barba de três dias absolutamente à moda. Enquanto olhava para o convidado no palco, conseguia observar discretamente a loura atraente três filas acima. A sua profissão obrigava a que muitas vezes realizasse várias tarefas em simultâneo. Era jornalista de investigação em busca de uma história e a loura não passava de mais um dos elementos do público. Não obstante, o observador profissional dentro dele não podia deixar de notar como ela ficava atraente no seu *top* sem costas e calças de ganga. Jornalisticamente falando, claro está.

Clareou as ideias e voltou a tentar concentrar-se no convidado. O indivíduo era mais do que ridículo. Sob a luz intensa dos holofotes, Jeremy achou que o espírita parecia estar com prisão de ventre ao reclamar ouvir vozes do além. Assumira uma intimidade falsa, agindo como se fosse o irmão ou o melhor amigo de toda a gente, e era como se a maior parte da audiência estupefacta

– incluindo a loura atraente e a mulher a quem o convidado se dirigia – o considerasse uma dádiva dos céus. O que até fazia sentido, pensou Jeremy, já que era sempre aí que iam parar os entes queridos. Os espíritos do além encontravam-se sempre cercados por uma brilhante luz angelical e envoltos numa aura de paz e de tranquilidade. Jeremy nunca ouvira falar de um espírita que entrasse em contacto com aquele outro sítio, o mais quente. Um ente querido falecido nunca dizia, por exemplo, estar a ser assado no espeto ou cozido num caldeirão de óleo de motor. Claro que Jeremy sabia que estava a ser cínico. Além do mais, via-se obrigado a admitir que o espetáculo era bom. Timothy Clausen era bom – muito melhor do que a maioria dos charlatões sobre os quais Jeremy escrevera ao longo dos anos.

– Eu sei que é difícil – declarou Clausen para o microfone –, mas o Frank está a dizer-lhe que está na altura de o deixar partir.

A mulher, de cerca de cinquenta anos, a quem se dirigia com tamanha empatia parecia estar prestes a desmaiar. Usava uma blusa verde listada, tinha um cabelo ruivo encaracolado a revolutear em todas as direções e as mãos entrelaçadas com tanta força contra o peito que os dedos estavam exangues.

Clausen fez uma pausa e levou a mão à testa, mergulhando mais uma vez no «mundo mais além», como ele dizia. No silêncio que se seguiu, o público inclinou-se em uníssono para a frente nos seus lugares. Todos sabiam o que ali vinha; era o terceiro membro da audiência que Clausen escolhia. Não era de surpreender que Clausen fosse o único convidado daquele popular *talk show*.

– Lembra-se da carta que ele lhe enviou? – indagou Clausen.
– Antes de morrer?

A mulher arquejou. O elemento da equipa a seu lado aproximou ainda mais o microfone, para que todos os telespectadores a pudessem ouvir bem.

– Sim, mas como é que o senhor sabe...? – balbuciou a mulher.
Clausen não a deixou terminar.

– Lembra-se do que dizia? – perguntou.

– Sim – respondeu ela em voz rouca.

Clausen assentiu, como se ele próprio tivesse lido a missiva.

– Era sobre perdão, não era?

No divã, a anfitriã do programa, o *talk show* vespertino mais popular da América, alternava o olhar entre Clausen e a mulher. Parecia, a um tempo, espantada e satisfeita. Os espíritos eram sempre uma maravilha para as audiências.

Quando a mulher do público assentiu, Jeremy apercebeu-se do rímel que lhe começava a escorrer pelas faces. As câmaras aproximaram-se para o mostrar com toda a clareza. A televisão diurna no seu auge dramático.

– Mas como é que...? – repetiu a mulher.

– Ele também se referia à sua irmã – murmurou Clausen. – Não estava só a falar dele.

A mulher fitou Clausen, hipnotizada.

– A sua irmã Ellen – acrescentou Clausen.

Com a revelação, a senhora libertou por fim um grito rouco. As lágrimas irromperam, qual aspersor automático. Clausen, bronzeado e elegante no seu fato preto, praticamente sem um cabelo desalinhado, continuava a assentir como um daqueles cães que se põe no *tablier* do carro. O público fitava a mulher num silêncio absoluto.

– O Frank também lhe deixou mais uma coisa, não foi? Algo do seu passado.

Apesar do calor das luzes do estúdio, a mulher pareceu empalidecer visivelmente. A um canto do palco, fora do *plateau*, Jeremy viu o produtor a girar o dedo levantado como se fosse a hélice de um helicóptero. Aproximava-se o intervalo para publicidade. Clausen lançou um olhar quase impercetível nessa direção. Ninguém pareceu reparar, além de Jeremy, que muitas vezes se interrogava por que razão os espectadores não questionavam o facto de o contacto com o mundo dos espíritos coincidir tão bem com os intervalos para anúncios publicitários.

Clausen prosseguiu.

– Uma coisa de que mais ninguém sabia. Algum tipo de chave, não é verdade?

Os soluços continuaram enquanto a mulher assentia.

– Nunca pensou que ele a guardaria, pois não?

Pronto, lá estava o argumento decisivo, pensou Jeremy. Mais uma verdadeira crente a caminho.

– É do hotel onde passaram a lua de mel. Ele deixou-a lá para que quando a encontrasse se lembrasse dos tempos felizes que passaram juntos. Ele não quer que o recorde com dor, pois ele ama-a muito.

– Ooohhhhhh... – disse a mulher a chorar.

A chorar ou a gemer. Jeremy não teve a certeza, pois o som foi interrompido por uma salva de palmas repentina. O microfone foi afastado de imediato. As câmaras recuaram o plano. Chegados ao fim os seus minutos de fama, a senhora do público colapsou na cadeira. Seguindo a deixa, a apresentadora levantou-se do divã e virou-se para a câmara.

– Lembrem-se de que o que viram é real. Nenhuma destas pessoas conhecia Timothy Clausen. – Sorriu. – Voltamos já a seguir com mais uma leitura espírita.

Mais aplausos enquanto o programa era interrompido para os anúncios, e Jeremy recostou-se no lugar.

Enquanto jornalista de investigação, conhecido pelo seu interesse por ciência, desenvolvera a carreira escrevendo sobre pessoas como aquelas. Regra geral, gostava do que fazia e orgulhava-se do trabalho como sendo um importante serviço público, estando integrado numa profissão especial a ponto de ter os direitos elencados na Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. Para a sua coluna regular na *Scientific American* já entrevistara prémios Nobel, explicara em termos leigos as teorias de Stephen Hawking e de Einstein e, certa vez, ficara com os louros de ter desencadeado o movimento de opinião pública que levara a FDA a retirar do mercado um antidepressivo perigoso. Escrevera sobre o projeto Cassini, sobre o espelho defeituoso da lente do telescópio

espacial Hubble e fora um dos primeiros a expor publicamente como fraude a experiência de fusão a frio do Utah.

Infelizmente, por mais impressionante que parecesse, a crónica não lhe rendia muito. Era o trabalho *freelance* que lhe pagava a maioria das contas e, tal como qualquer trabalhador independente, andava sempre à cata de histórias que interessassem os editores das revistas e dos jornais. Alargara o leque de interesses, passando a incluir «tudo de invulgar» e, nos últimos quinze anos, investigara psíquicos, espíritas, curandeiros da fé e médiuns. Expusera fraudes, vigarices e falsificações. Visitara casas assombradas, procurara criaturas místicas e investigara as origens de lendas urbanas. Cético por natureza, tinha igualmente a rara capacidade de explicar conceitos científicos difíceis de forma compreensível para um leigo, tendo os seus artigos sido publicados em centenas de jornais e revistas de todo o mundo. Acreditava que a exposição da verdade científica era tanto nobre como importante, mesmo que o público nem sempre o agradecesse. Muitas vezes, a correspondência que recebia na sequência da publicação dos artigos de *freelance* continha insultos como «idiota», «imbecil» e, o seu preferido, «marionete do governo».

Viera a descobrir que o jornalismo de investigação era um trabalho ingrato.

Enquanto refletia em tudo isso de cenho franzido, observava o público a conversar com ansiedade, interrogando-se sobre quem seria o próximo escolhido. Jeremy lançou mais um olhar à louca, que confirmava o estado do batom com um espelho de mão.

Jeremy já sabia que as pessoas escolhidas por Clausen não faziam oficialmente parte do espetáculo, embora a presença de Clausen tivesse sido anunciada com antecedência e se tivesse verificado uma corrida desesperada aos bilhetes para o programa. Claro que isso significava que o público estava cheio de crentes na vida depois da morte. Para eles, Clausen era legítimo. Como poderia saber informações tão pessoais acerca de estranhos se não falasse com espíritos? No entanto, qual mágico profissional com o repertório bem ensaiado, a ilusão não deixava de ser isso mesmo,

e imediatamente antes do programa, Jeremy não só descobrira como ele o fazia, como tinha provas fotográficas.

Expor Clausen seria a maior conquista de Jeremy até à data, e o espírito bem o merecia. Clausen era o pior tipo de vigarista. No entanto, o lado pragmático de Jeremy também lhe dizia que aquele género de história era raro, e queria aproveitá-la ao máximo. Afinal de contas, Clausen encontrava-se no pico da fama e, na América, a celebridade era de suma importância. Embora soubesse que isso seria extremamente improvável, Jeremy imaginou o que aconteceria se Clausen o escolhesse a *ele*. Não esperava que tal acontecesse. Ser escolhido estava ao mesmo nível de acertar na trifecta¹ no hipódromo Santa Anita. E mesmo que tal não se verificasse, Jeremy sabia que não deixaria de ter uma história de qualidade. Claro que a qualidade e o extraordinário estavam muitas vezes separados por um mero capricho do destino, e quando o intervalo chegou ao fim, sentiu uma pontada de esperança injustificada de ser o próximo alvo de Clausen.

E, como se também Deus não estivesse propriamente satisfeito com o que Clausen fazia, foi mesmo isso que aconteceu.

Três semanas depois, o inverno fustigava Manhattan. Uma frente fria vinda do Canadá assolava a cidade, fazendo as temperaturas cair quase até zero, e plumas de vapor erguiam-se das sargetas, assentando depois nos passeios gelados. Não que alguém parecesse importar-se. Os intrépidos nova-iorquinos mostravam a sua habitual indiferença para com tudo o que se relacionava com o tempo, e as noites de sexta-feira não podiam ser desperdiçadas. As pessoas trabalhavam demasiado ao longo da semana para se darem ao luxo de perder uma noite de farra, especialmente havendo motivos de celebração. Nate Johnson e Alvin Bernstein já

¹ Na terminologia das corridas de cavalos, uma trifecta é uma aposta mútua, na qual o apostador tem de prever os três primeiros cavalos finalistas de uma corrida, na ordem correta de chegada. (*N. do E.*)

festejavam há uma hora, a par de duas dezenas de amigos e jornalistas, alguns deles da *Scientific American*, que se tinham reunido em honra de Jeremy. A maior parte já se encontrava no auge da noite e divertiam-se muitíssimo, acima de tudo porque os jornalistas tendiam a ser comidos nos gastos e era Nate quem pagava a conta.

Nate era o agente de Jeremy. Alvin, um operador de câmara *freelance*, era o melhor amigo de Jeremy, e tinham-se reunido no famoso bar do Upper West Side para celebrar a participação de Jeremy no *Primetime Live* da ABC. Os anúncios ao programa tinham sido transmitidos ao longo da semana – a maioria com grandes planos de Jeremy e a promessa de uma revelação importante – e ao escritório de Nate chegavam convites para entrevistas vindos de todo o país. A revista *People* entrara em contacto no início dessa semana, tendo sido agendada uma entrevista para a manhã de segunda-feira.

Não houvera tempo para reservar uma sala privada para o encontro, mas ninguém parecia preocupado com isso. Com o seu comprido balcão de granito e iluminação de tons dramáticos, o estabelecimento a abarrotar era um paraíso *yuppie*. Enquanto os jornalistas da *Scientific American* usavam casacos de *tweed* com protetores de bolsos e se aglomeravam a um canto da sala a discutir fotões, a maior parte dos restantes clientes parecia ter chegado diretamente do trabalho em Wall Street ou Madison Avenue: casacos de fatos italianos nas costas das cadeiras, gravatas *Hermès* afrouxadas, homens a agitar os seus relógios *Rolex* nos pulsos, parecendo concentrados unicamente na observação das mulheres presentes. As mulheres, também elas vindas diretamente dos empregos nas indústrias da publicidade e da edição, envergavam saias de marca e saltos impossivelmente altos, e beberricavam martinis de vários sabores enquanto fingiam ignorar os homens. O próprio Jeremy estava de olho numa ruiva alta no outro extremo do bar e que parecia mirá-lo à distância. Interrogava-se se ela o teria reconhecido dos anúncios de televisão ou se pretendia apenas um pouco de companhia.

A mulher virou-se, à primeira vista desinteressada, mas depois voltou a olhar na direção dele. Notando o olhar dela a demorar-se um pouco mais desta vez, Jeremy ergueu o copo num brinde.

– Então, Jeremy, presta atenção – chamou-o Nate, dando-lhe uma cotovelada. – Estás na televisão! Não queres ver como correu?

Jeremy desviou o olhar da ruiva. Concentrando-se no ecrã, viu-se sentado à frente de Diane Sawyer. Era estranho, pensou, era como estar em dois sítios ao mesmo tempo. Ainda não lhe parecia real. Apesar dos anos dedicados à comunicação social, nada do que acontecera nas últimas três semanas lhe parecia real.

No ecrã, Diane descrevia-o como «o mais estimado jornalista científico da América». Não só a história se revelara ser tudo o que ele queria, como também Nate estava em conversações com o *Primetime Live* para que Jeremy lhes fizesse histórias regulares, com a possibilidade de matérias adicionais para o *Good Morning America*. Embora muitos jornalistas defendessem que a televisão era menos importante do que outros formatos informativos mais sérios, isso não impedia a maior parte de encarar secretamente a televisão como sendo o Santo Graal, ou seja, o que rendia mais dinheiro. Apesar dos parabéns, a inveja pairava no ar, uma sensação tão estranha para Jeremy como as viagens espaciais. Afinal de contas, os jornalistas da sua estirpe não se encontravam propriamente no topo da cadeia alimentar – até àquele dia.

– Ela acabou de te chamar estimado? – indagou Alvin. – Tu escreves sobre o Pé Grande e sobre a lenda da Atlântida!

– Chiu! – exclamou Nate, de olhos colados ao ecrã. – Estou a tentar ouvir isto. Pode ser importante para a carreira do Jeremy.

Enquanto agente de Jeremy, Nate passava a vida a promover eventos que podiam «ser importantes para a carreira de Jeremy», pelo simples facto de que o trabalho independente não era propriamente lucrativo. Anos antes, quando Nate estava a começar, Jeremy apresentara uma proposta de livro e trabalhavam juntos desde então pelo simples facto de se terem tornado amigos.

– Pois, está bem – replicou Alvin, ignorando a admoestação.

Entretanto, no ecrã atrás de Diane Sawyer e de Jeremy, tremeluziam os derradeiros momentos da prestação de Jeremy no programa de televisão diurna, onde Jeremy fingira ser alguém que chorava a morte prematura do irmão, um rapaz que Clausen dizia estar a contactar em nome de Jeremy.

– Ele está comigo – ouvia-se Clausen a declarar. – Ele quer que o liberte, Thad.

A imagem apresentou Jeremy no papel de convidado angustiado, o rosto contorcido pela dor. Em fundo, Clausen ia anuindo, a expressão de alguém combalido pelo próximo ou a sofrer de prisão de ventre, dependendo da perspetiva.

– A sua mãe nunca mexeu no quarto dele... o quarto que partilhava com ele. Insistia que não podia ser alterado, e você teve de lá dormir – prosseguiu Clausen.

– Sim – arquejou Jeremy.

– Mas estava assustado naquele quarto, e na sua ira, tirou uma coisa dele, uma coisa muito pessoal, que foi enterrar no quintal.

– Sim – repetiu Jeremy, como se estivesse demasiado emocionado para dizer mais.

– O aparelho dos dentes!

– Oooohhhhhhh! – exclamou Jeremy, levando as mãos ao rosto.

– Ele ama-o, mas tem de entender que ele agora está em paz. Ele não está zangado consigo...

– Oooohhhhhhh! – voltou a gemer Jeremy, contorcendo ainda mais o rosto.

No bar, Nate assistia às sequências com uma concentração silenciosa. Alvin, por outro lado, ria-se enquanto erguia a cerveja.

– Alguém dê um Óscar àquele tipo! – bradou.

– Foi impressionante, não foi? – retrucou Jeremy, de sorriso rasgado.

– Vocês dois, a sério! – exclamou Nate, sem procurar esconder a irritação. – Falem durante os anúncios.

– Pois, está bem – repetiu Alvin.

«Pois, está bem» sempre fora a expressão preferida de Alvin.

No *Primetime Live* a gravação chegou ao fim e a câmara focou-se em Diane Sawyer e em Jeremy, mais uma vez sentados frente a frente.

– Portanto, nada do que o Timothy Clausen disse era verdade? – perguntou Diane.

– Absolutamente nada – garantiu Jeremy. – Como bem sabe, o meu nome não é Thad e, embora tenha cinco irmãos, estão todos vivos e de boa saúde.

Diane segurava uma caneta sobre um bloco, como se estivesse prestes a tirar apontamentos.

– E como é que o Clausen faz isto?

– Bem, Diane – começou Jeremy.

No bar, Alvin ergueu a sobrancelha com o *piercing*. Chegou-se a Jeremy.

– Acabaste de lhe chamar Diane? Como se fossem *amigos*?

– Vocês fazem o favor?! – exclamou Nate, cada vez mais exasperado.

No ecrã, Jeremy continuava a falar.

– Aquilo que o Clausen faz é uma simples variação do que vem sido feito há centenas de anos. Para começar, ele é bom a ler as pessoas, é perito a fazer associações emocionais vagas e reage na perfeição às deixas do público.

– Sim, mas ele foi tão específico. Não só consigo, mas também com os outros elementos da audiência. Ele tinha nomes. Como faz isso?

Jeremy encolheu os ombros.

– Ouviu-me a falar sobre o meu irmão Marcus antes do programa. Limitei-me a criar uma vida imaginária e a dá-la a conhecer em alto e bom som.

– Como é que isso chegou aos ouvidos do Clausen?

– Sabemos que os vigaristas como o Clausen se servem de uma grande variedade de truques, entre eles microfones e «ouvidos» pagos que circulam pela sala de espera antes do programa. Antes de

me sentar, fiz por andar por ali a meter conversa com muitos elementos do público, sempre à espera de ver se alguém mostrava um interesse inusitado na minha história. E, tal como seria de esperar, houve quem parecesse particularmente entusiasmado.

Atrás deles, a gravação fora substituída por uma fotografia ampliada que Jeremy tirara com uma pequena câmara oculta no relógio, um brinquedo de espiões de alta tecnologia cuja despesa debitara prontamente à *Scientific American*. Jeremy adorava brinquedos tecnológicos, quase tanto como debitá-los a terceiros.

– O que estamos a ver aqui? – perguntou Diane.

Jeremy apontou.

– Este homem andava entre o público, a fazer-se passar por visitante de Peoria. Tirei esta fotografia mesmo antes do programa, enquanto falávamos. Aproximem mais a imagem, por favor.

No ecrã, a fotografia foi ampliada e Jeremy acenou na direção dela.

– Está a ver o pequeno alfinete dos EUA na lapela? Não é apenas um símbolo decorativo. Na verdade, trata-se de um transmissor em miniatura que emite para um gravador nos bastidores.

Diane franziu o sobrolho.

– Como é que sabe disso?

– Sei – respondeu Jeremy, erguendo a sobrancelha – porque tenho um igual.

Jeremy levou a mão ao bolso e tirou o que parecia ser o mesmo alfinete de lapela dos EUA, preso a um fio comprido e a um transmissor.

– Este modelo específico é fabricado em Israel – ouvia-se a voz de Jeremy enquanto a câmara fazia um grande plano do aparelho – e é bastante avançado. Ouvi dizer que é usado pela CIA, mas é claro que não tenho como confirmá-lo. O que posso dizer é que se trata de tecnologia de ponta. Este pequeno microfone pode captar conversas numa sala barulhenta e até as pode isolar com o sistema de filtros adequado.

Diane analisou o alfinete com um aparente fascínio.

– E tem a certeza de que era mesmo um microfone e não apenas um alfinete de lapela?

– Bem, como sabe, já há muito tempo que venho a investigar o passado do Clausen, e uma semana antes do programa consegui obter mais algumas fotografias.

Surgiu uma nova imagem no ecrã. Embora com algum grão, tratava-se de uma fotografia do mesmo homem que usava o alfinete dos EUA.

– Esta fotografia foi tirada na Florida, junto ao escritório do Clausen. Como pode ver, o homem está a entrar. Chama-se Rex Moore e é funcionário do Clausen. Há dois anos que trabalha com ele.

– Ooohhhhh! – gritou Alvin, e o resto da emissão, que já estava a chegar ao fim, foi abafada quando outros presentes, com inveja ou não, se juntaram com urros e assobios. A bebida gratuita fizera a sua magia e Jeremy foi inundado com felicitações depois de o programa terminar.

– Estiveste fantástico – disse-lhe Nate.

Aos quarenta e três anos, Nate era baixo e calvo, e tinha tendência para usar fatos demasiado justos na cintura. Não obstante, era um homem repleto de energia e, à semelhança da maioria dos agentes, fervilhava de otimismo.

– Obrigado – agradeceu Jeremy, terminando a cerveja.

– Isto vai ser importante para a tua carreira – prosseguiu Nate.
– É o teu passaporte para uma participação regular na televisão. Acabou-se o mísero trabalho de *freelancer* para revistas e as histórias de óvnis. Sempre disse que essa tua cara foi feita para a televisão.

– Sempre disseste isso – concedeu Jeremy, revirando os olhos numa expressão de quem conhecia a lição de cor e salteado.

– A sério. Os produtores do *Primetime Live* e do *GMA* não param de ligar, a querer que sejas comentador regular nos programas deles. Estás a ver, «o que significa para si esta notícia científica» e coisas do género. É um grande salto para um repórter científico.

– Sou um jornalista – fungou Jeremy –, não sou um repórter.

– Pois, isso – replicou Nate, gesticulando como se estivesse a afugentar uma mosca. – É como eu sempre disse, a tua cara foi feita para a televisão.

– Tenho de concordar com o Nate – acrescentou Alvin, com uma piscadela de olho. – Quer dizer, se não fosse por isso, como é podias ser mais popular do que eu entre as senhoras, mesmo sem personalidade nenhuma? – Havia anos que Alvin e Jeremy corriam juntos os bares, em busca de encontros românticos.

Jeremy riu-se. Alvin Bernstein, cujo nome evocava a imagem de um contabilista elegante de óculos – um dos inúmeros profissionais que usavam sapatos *Florsheim* e iam de pasta para o trabalho –, não parecia um Alvin Bernstein. Ainda adolescente, vira Eddie Murphy num espetáculo de *stand-up comedy*, *Delirious*, e decidira assumir o estilo cabedal, um guarda-roupa que horrorizava o pai, Melvin, ele próprio um homem de sapatos *Florsheim* e pasta. Felizmente, o cabedal parecia combinar bem com as tatuagens. Alvin considerava as tatuagens como sendo um reflexo da sua estética única, e ambos os braços ostentavam uma estética única até às omoplatas. Tudo isso complementava as orelhas cheias de brincos de Alvin.

– E então, ainda estás a pensar ir até ao sul investigar aquela história de fantasmas? – pressionou Nate. Jeremy quase podia ver as engrenagens a girar-lhe no cérebro. – Depois da tua entrevista para a *People*, claro.

Jeremy afastou o cabelo escuro dos olhos e pediu mais uma cerveja ao *barman*.

– Acho que sim. Com ou sem *Primetime*, ainda tenho contas para pagar e estava a pensar usar isso para a minha coluna.

– Mas vais manter-te em contacto, certo? Não vais fazer como na altura do Probo e Sagrado?

Referia-se a um artigo de seis mil palavras sobre um culto religioso que Jeremy escrevera para a *Vanity Fair*. Nesse caso, Jeremy basicamente cortara a comunicação durante três meses.

– Sim, mantenho-me em contacto – garantiu Jeremy. – Esta história não é assim. Devo ficar despachado em menos de uma semana. «Luzes misteriosas no cemitério.» Nada de especial.

– Olha lá, por acaso precisas de um operador de câmara? – indagou Alvin.

Jeremy olhou-o.

– Porquê? Queres ir?

– Claro que quero. Ir para o sul no inverno, talvez conhecer uma beldade sulista simpática enquanto tu pagas as contas. Ouvi dizer que as mulheres de lá nos fazem perder a cabeça, mas no bom sentido. É como se fosse umas férias exóticas.

– Não eras para filmar qualquer coisa para a *Lei & Ordem* na semana que vem?

Por mais estranho que fosse o seu aspeto, a reputação de Alvin era impecável e os seus serviços tinham habitualmente grande procura.

– Sim, mas no final da semana estou livre – garantiu Alvin. – E olha, se estás mesmo a sério com esta coisa da televisão, como o Nate diz que devias estar, talvez seja importante obter algumas imagens decentes dessas luzes misteriosas.

– Isso, partindo do princípio de que há mesmo luzes para filmar.

– Começas com o trabalho de campo e dizes-me alguma coisa. Mantenho a agenda em aberto.

– Mesmo que existam luzes, é uma história pequena – alertou Jeremy. – Ninguém vai estar interessado nisto na televisão.

– No mês passado talvez não – contrapôs Alvin. – Mas depois de te verem hoje, eles vão estar interessados. Sabes como são as coisas na televisão: produtores a correrem às voltas, sempre à procura do novo êxito. Se o *GMA* de repente ficou interessado, sabes que não tarda nada o *Today* vai telefonar e o *Dateline* bate-te à porta. Nenhum produtor vai querer ficar de fora. É assim que são despedidos. Garanto-te que não querem ter de explicar aos executivos porque é que perderam a corrida. Acredita: eu trabalho na televisão. Sei como são essas pessoas.

– Ele tem razão – adiantou Nate, interrompendo-os. – Nunca se sabe o que vai acontecer a seguir, e talvez seja boa ideia fazeres planos com antecedência. Esta noite marcaste presença. Não te iludas.

E se conseguires imagens das luzes, talvez isso seja o que o *GMA* ou o *Primetime* precisam para tomarem a decisão.

Jeremy mirou o agente.

– Estás a falar a sério? É uma história de *nada*. Só decidi ir porque achei que precisava de uma pausa depois do Clausen. Essa história roubou-me quatro meses de vida.

– E vê o que conseguiste – frisou Nate, levando a mão ao ombro de Jeremy. – Pode ser uma história irrelevante, mas com imagens sensacionais e uma história de fundo, sabe-se lá o que a televisão vai pensar.

Jeremy manteve o silêncio por um instante, antes de finalmente encolher os ombros.

– Está bem – concordou. Olhou para Alvin. – Parto na terça-feira. Vê se consegues lá estar na sexta. Telefone-te antes com os pormenores.

Alvin pegou na cerveja e bebeu um gole.

– Ora vejam só! Vou-me embora para a terra das papas de milho e das tripas. E prometo que a minha conta não vai ser muito elevada – disse, imitando o personagem cómico de sotaque sulista, Gomer Pyle.

Jeremy riu-se.

– Alguma vez estiveste no Sul?

– Não. E tu?

– Já visitei Nova Orleães e Atlanta – admitiu Jeremy. – Mas isso são cidades, e as cidades são praticamente todas iguais. Para esta história vamos ao sul real. É uma povoação na Carolina do Norte, um sítio chamado Boone Creek. Devias ver o *web site* da terra. Fala sobre as azáleas e os cornizos que florescem em abril, e exhibe com orgulho a imagem do mais destacado habitante da vila. Um indivíduo chamado Norwood Jefferson.

– Quem? – perguntou Alvin.

– Um político. Serviu no Senado Estatal da Carolina do Norte entre 1907 e 1916.

– E isso interessa a quem?

– Exatamente – asseverou Jeremy, com um aceno de cabeça.

Olhou para a outra extremidade do balcão e percebeu, desiludido, que a ruiva desaparecera.

– Onde é que isso fica ao certo?

– Mesmo entre *no meio do nada* e *onde é que nós estamos ao certo*? Vou ficar num sítio chamado Greenleaf Cottages, que a Câmara de Comércio descreve como sendo pitoresco e rústico mas moderno. Seja o que for que isso quer dizer.

Alvin riu-se.

– Parece uma grande aventura.

– Não te preocupes com isso. De certeza que te vais enquadrar bem.

– Achas que sim?

Jeremy mirou o cabedal, as tatuagens e os *piercings*.

– Garantidamente – asseverou Jeremy. – Se calhar, até vão querer adotar-te.